

AULA DE ARTES PARA ALÉM DO DESENHO AUDIOVISUAL NA CONSTRUÇÃO COLETIVO-COLABORATIVA

Karine Ferreira Sanchez

Professora da Prefeitura Municipal de Rio Grande

Neste breve relato pretendo registrar minhas experiências, nos últimos dois anos, na produção de vídeos estudantis. Devo iniciar lembrando e agradecendo que esse interesse, ainda que previamente existente, despertou e aflorou com o convite à participação no II Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande, proporcionado pela parceria entre a Universidade Federal de Pelotas – UFPel, através do curso de Cinema e Animação, e a Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande – SMed. Sou professora da disciplina de Artes na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Seguro, onde minha matrícula contempla a atuação na EJA – Educação de Jovens e Adultos. Antes, porém, de relatar sobre nossos vídeos traço uma introdução acerca de minhas con-siderações sobre a produção audiovisual de que nos cercamos no microcos-mos, assim como sua interferência na educação escolar.

Atualmente o audiovisual é uma possibilidade popular de dimensão nunca antes imaginada. Há alguns anos que a captura fotográfica do dia a dia é atravessada ou superada pela, antes, mágica possibilidade de registro ainda mais detalhado do momento: a imagem em movimento e simultânea ao som que lhe acompanha. Além das febris “selfies” o ato de filmar tem, no tempo-espaço em vigência, uma importância e uma facilidade que beiram o “inevitável”, quando descrevemos a cultura de massas. É claro que considerando uma região e classe de pessoas com suporte financeiro para portar a tecnolo-gia necessária.

Também não é incomum nos surpreendermos com a qualidade da formação, estudo e treinamento dos atores e atrizes mirins no cinema e televisão. Fica evidente que a construção dos elencos para filmes, seriados, novelas e propagandas tem uma concorrência

considerável. Este pode ser mais um indicativo, ainda que não estritamente ligado às vanguardas artísticas, de que o audi-ovisual enquanto produção poética e/ou narrativa tem aumentado suas proporções cada vez mais. Vários teóricos têm se debruçado sobre os estudos da pós contemporaneidade, mas até mesmo intuitivamente poderíamos supor que a explicação do fenômeno do audiovisual, está intrincado com a cultura do imediatismo, do polêmico e do “ver para crer”, em detrimento da leitura, da investigação, e da imaginação, muito mais vivenciadas pela infância e juventude até a virada do milênio.

No entanto até aqui não estamos falando de arte, muito menos de aulas de artes. Como professora posso testemunhar que, tanto na graduação – licenciatura, como nas formações continuadas proporcionadas pela Secretarias Municipais, além das reuniões com coordenação pedagógica um preceito é sempre respeitado e repetido: considerar a realidade do aluno, isto é, partir do interesse comum dos educandos, percebendo a cultura local e de seu tempo, seus interesses e anseios. Creio que nunca houve tanta efemeridade na juventude quanto agora, nunca houve tanto exagero de descartabilidade da cultura de consumo como temos visto hoje em dia, mesmo considerando o caráter inquieto e questionador da adolescência enquanto fase de todos os sujeitos. Portanto a reciclagem que a ordem formadora de professores deseja para eles torna-se um desafio cada dia maior, haja vista que, além de precisar apreender as emergências da juventude, bem como sua precocidade crescen-te para acompanhá-la, também não é possível abandonar completamente o currículo convencional. Sobre esse cenários aparecem diversos resultados. Desafortunadamente tem sido muito comum perceber a exaustão

e a deses-perança de muitos professores desestimulados com seus salários, mas sobre-tudo com crianças e adolescentes provindos de uma educação básica doméstica cheia de lacunas, e permeadas pela nova ordem tecnológica, que mais se assemelha a uma epidemia.

Outros resultados também são perceptíveis, mas mesmo quando é atendido um anseio, quando algo positivo acontece na educação, poderá haver uma falta em outro lado, ou seja, tudo não se pode, nem se pode agradar a todos, ou esperar resultados padronizados. Por isso para cada desafio aceito há um risco. Na escola a novidade é tão encantadora quanto aterradora se considerarmos o nível de expectativa da comunidade. Mesmo na aula de artes, onde uma certa liberdade é esperada e bem aceita, existe a cobrança e até o pre-conceito, especialmente por parte dos alunos. Cobrança de respostas acerca de como justificar que determinada proposta é fundamentada como produção de arte, e preconceito na perpetuação de uma cultura imaginária e tecnicista de crer que sendo arte não é, assim, tão importante. Apesar de vislumbrar uma perfeita adaptação de criação audiovisual em diversas disciplinas ainda acredito que é nas artes que ela deve se encontrar com sua parceira de nome sofisticado: a construção/ linguagem cinematográfica. Modestamente e iniciadamente, é isso o que temos tentado em minha escola, é assim que acreditamos estar conjugando arte e audiovisual. É assim que acreditamos aproveitar as possibilidades tecnológicas e sociais de nosso tempo para edifi-car narrações, poesias, contar histórias, sonhar, inventar, imaginar e solidificar idéias. Compreendendo o abismo que existe entre essa construção artística e o registro do cotidiano: humilhações, crimes, acidentes, piadas, brigas, e tudo o mais que serve apenas para saciar a curiosidade imediata e maquiavélica humana, quase sempre incapaz de produzir o que quer que seja de posi-tivo.

No ano de 2015 recebemos o convite da SMEd para participar das oficinas preparatórias do II Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande. Incentivada pela minha colega e amiga Janise Fontoura aceitei e assumi o compromisso de fazer parte desse processo, realizando um vídeo com a turma da 4ª etapa (9º ano)

da EJA daquele ano. Os preparativos levaram muito mais tempo e apresentaram maior complexidade do que a produção em si, já que levei em conta reuniões com os alunos no horário de aula, mais para saber, de fato, quem estaria realmente comprometido na proposta do que propriamente para prepararmos cenários, personagens etc. Não tardou a aparecer um roteiro, uma história escrita a quatro mãos, inspirada no romance dos próprios escritores. Este roteiro, no entanto, não estava, é claro, em formato específico de roteiro, embora se esforçasse para tal. Mas a abertura que deixava permitia adaptações que surgiam através do diálogo dos participantes, e que se faziam necessárias dados o tempo e espaço que tínhamos. O resultado foi um curta-metragem romântico e dramático, de menos de sete minutos, chamado "O Último Olhar", e que convencionei considerar um tipo de releitura de Romeu e Julieta. Enviamos para o Festival satisfeitos com nossa cons-trução, porém sem alimentar expectativas em relação à premiação. Para nossa surpresa e alegria fomos contemplados com o prêmio técnico de "Melhor Produção", e o prêmio de voto popular de "Melhor Vídeo".

Mesmo sustentando que o caráter competitivo não é um dos métodos mais prudentes ou politicamente corretos de se estabelecer em meio educativo é inegável que o reconhecimento de um esforço através da evidência, da saliência de "melhor" envolve nossos instintos e nos motiva. Isso é humano, e havendo um respeito civilizatório e uma ética no "julgamento", nada contém de violento ou desonesto. A alegria dos alunos e o impacto na escola foram de dimensões maiores que o esperado. E alimentada por esse sentimento positivo de confiança é que encarei, no ano seguinte (2016), a coordenação de ou-tros quatro vídeos com as novas turmas. Desta vez, além da 4ª etapa da EJA, estavam compromissadas as três turmas de 9ºs anos da escola. Estudos com leituras e outras atividades, além de muito diálogo, foram empregadas para que o coletivo funcionasse e, novamente, muita confiança foi depositada naqueles que trabalharam nas edições, de forma mais individual. Mais uma vez tivemos o acolhimento do Festival tanto nas inscrições quanto nas premiações, o que foi responsável por muita alegria posterior e

muita expectati-va e trabalho duro durante as produções. No nosso caso o sentido de competitividade foi fundamental, apesar de um processo verbal e repetitivo de precaver os alunos quanto aos perigos e deselegância da vaidade e da arrogância, e alertá-los quanto ao comportamento desejável e maduro da humildade e da esportiva. Posso afirmar que o essencial foi feito com toda a qualidade que podíamos, e que nosso mérito não foi enfraquecido, pois foram escutadas as maneiras de fazer o melhor possível, dentro e fora do “set”, antes, durante e depois das produções.

Todo esse trabalho árduo e expectativa despontou nas turmas envolvidas um grande ânimo e observando a potencialidade de tudo isso a mesma colega, Janise Fontoura, este ano na função de supervisora dos anos finais da manhã, me propôs a criação de um Festival de vídeo interno à escola, já que contávamos com quatro vídeos diferentes. Tratava-se de proporcionarmos aos alunos produtores a exibição de seus vídeos para toda a comunidade, e expô-los a um júri técnico e um júri popular, assim como providenciarmos a premiação por categorias. Para o júri técnico contamos com a participação de Cláudio Tarouco, Paula Martins e Alexandre de Leon, todos profissionais ligados à área de produção audiovisual. Para o júri popular foram contabilizados os votos dos alunos dos Anos Finais da escola, e dos professores. Para a realização de todas as etapas do nosso Festival foi fundamental a determinação, carinho e compromisso da colega Maria Luiza Nunes, efetivando-se já como uma organizadora do Festival, responsável também por nutrir a esperança de mantê-lo, anualmente. Este Festival também foi muito esperado e proporcionou uma valorização dos alunos nesse trabalho diferenciado. Chamamos de I Festival de Audiovisual da Escola Porto Seguro, e fomos, certamente, inspirados por aquele que originou todo o processo, e do qual proveio o convite para a escrita deste texto. Gostaria de registrar que, como professoras responsáveis envolvidas neste processo que demandou tantas atividades e desafios, temos certeza de que valeu a pena, de que a gratificação na “colheita dos frutos”, neste sentido de realização, de missão cumprida,

superou todas as dificuldades e desânimos encontrados.

Algumas das atividades para que a realização dos curtas e a conseqüente participação nos dois Festivais fosse possível se referiram a reconfigurar as aulas de artes, a inserir um novo tema e método de participação e estudo pois nem sempre haviam anotações ou leituras a fazer. Torna-se muito desagradável quando, diante disso, ouvimos, dos alunos, frases como: “a sora não deu nada hoje”, ou “nem fizemos nada na aula”. Essas falas são efeitos da educação convencional que muito vagarosamente se liberta das amarras tecnicistas as quais em nosso tempo limitam-se a representar-se através da escrita exaustiva no caderno, trabalhos gráficos ou escritos sob pressão, e as temidas provas, independente de compreender o que se está estudando. É ambíguo o fato de que os alunos não apreciam esses métodos, mas manifestam por eles mais respeito do que pelas aulas mais livres, onde o conhecimento é repassado de forma a marcá-los para além da escrita. Embora não seja adepta de uma total revolução dos métodos convencionais de sala de aula, até por perceber que os alunos, na sua maioria, não estão preparados para tal, insisto que devemos ousar mais e confiar no conhecimento que de-emos repassar, assim como na maneira que melhor poderemos fazer isso, mesmo que ela seja nova.

O audiovisual entra aqui como conteúdo e método que pretende se relacionar mais estreitamente com a realidade dos educandos, tanto como crítica, adaptação e ponderação às emergências tecnológicas exacerbadas de nosso tempo, como pela possibilidade de composição complexa e poética, elevando a arte a novos níveis de entendimento e a diferentes possibilidades vocacionais no que diz respeito à participação individual e coletiva de uma “obra”. Assim, superamos o estigma da aula de artes que perpetua principalmente o desenho e a pintura. Como expliquei antes não sou favorável ao abandono das metodologias reconhecidas, mas à inclusão de novas e à reciclagem.

Para finalizar este texto creio ser coerente e interessante anexar aqui a sinopse de cada um dos curtas de 2016, já que este texto foi

inspirado nesta experiência. Assim, disponho a seguir:

À SOMBRA DO PASSADO, da turma 9ºA trabalha a questão de gênero, ou seja, as problemáticas em torno do papel do homem e da mulher na sociedade, o machismo, os mitos de preferências em experiências de lazer e cultura, e principalmente a homofobia. Leo, quando pequeno, sofreu um trauma sob incompreensão de seu pai, e carregou dentro de si uma frustração até a adolescência. Tornou-se um homofóbico violento, até entender que precisamos abrir nossos horizontes para as diferenças e superar preconceitos e dogmas que só causam sofrimento e deterioração da sociedade.

ALGO COMO KITTY, da turma 9ºB é uma homenagem ao livro trabalhado nos 9ºs Anos "O Diário de Anne Frank" e traz uma relação entre o século passado e o nosso. O nazismo, horror vivenciado na Segunda Guerra Mundial, tem sua raiz comparada com o atual Bullying. Acreditamos que a tendência à segregação e ao preconceito deve ser vista como antiquada, perigosa e ignorante, não condizente ao nosso tempo, cheio de possibilidades, e rumo ao progresso moral. Kitty, a menina principal no filme, é apresentada como a própria personificação do Diário de Anne, como se ele tivesse criado vida e chegado ao nosso tempo para uma importante mensagem. O que, de fato, aconteceu.

DEUS DE PAUS, da turma 9ºC é um videoclipe do artista e grande músico Marco Gattinari, natural de Pelotas, que não é celebridade por não estar presente nas mídias de massa, mas que tem seu trabalho reconhecido e respeitado em grande parte do Brasil. Sua música trata a necessidade de uma tomada de consciência humana acerca de problemas de intolerância, desunião e degradação ambiental. Nosso clipe quer denunciar os perigos da tecnologia que distancia as pessoas, e as distancia do restante da natureza. Também apresenta a necessidade de respeito entre as diferentes religiões. A dança, elemento adicional de nosso vídeo, surge como ilustração artística do comunicado trazido pela música.

VÁ EM FRENTE, da turma 4ª etapa da EJA revela uma história baseada em fatos reais,

na qual há a superação de um jovem cheio de sonhos, porém imerso em um mundo de desmotivação, depressão e desesperança. Conflitos psicológicos e mágoas familiares o levam a uma tristeza que o impede de seguir em direção aos seus objetivos. Porém o contato prático com o futebol renova suas expectativas e lhe dá novo gosto de viver. Passa a valorizar-se, e aceitar o carinho e apoio das pessoas. Mesmo quando parece que o pior aconteceu, seguir em frente é fundamental, e continuar acreditando é a única alternativa. Nosso vídeo testemunha, de certa forma, o despreparo emocional dos jovens de hoje, diante de um mundo competitivo e cheio de informações. Confirmando o objetivo da Educação de Jovens e Adultos queremos dizer que todos nós podemos! Todos nós merecemos!

Encerro aqui o relato de minha experiência nesta área dos vídeos estudantis, a qual acredito que é deveras promissora, fértil e necessária aos nossos jovens e à própria arte. Através dela revivo minha própria juventude quando o sonho dourado de fazer algo para aproximar-me de um "fazer cinema" era tão cintilante quanto inalcançável. Perceber no olhar dos sujeitos em formação a preocupação genuína sobre fazer algo bem feito, em especial algo artístico, é muito mais inspirador, tenho certeza, do que qualquer produção individual. O status e o brilho artificial das celebridades presentes na produção audiovisual de massa, embora exerça um poder de persuasão não soma, internamente, nada de construtivo na vida dos espectadores. Solidificar uma ideia, construir junto, dar alma e voz às personagens, dar vida a uma história multiplica, entre todos os envolvidos, uma satisfação, um brilho singular e puro, além de imprimir experiência e conhecimento. A experiência estética, tal como uma terapia, um lazer ou um trabalho remunerado, transforma os indivíduos, tocando na sua sensibilidade e ampliando seus horizontes, além de colaborar na cultura material e artística do mundo no qual estamos inseridos e pelo qual somos responsáveis. Se a escola, como instância mais fundamental da formação social dos sujeitos, puder abarcar essa possibilidade, tanto melhor para todos, e para nossa própria história.